

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MULHERES EM QUADRA: O FUTSAL FEMININO FORA DO ARMÁRIO

CAROLINE SILVA DE OLIVEIRA

CAMPO GRANDE

2008

CAROLINE SILVA DE OLIVEIRA

MULHERES EM QUADRA: O FUTSAL FEMININO FORA DO ARMÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciado do
Curso de Educação Física da
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul.

Orientador: Prof. Ms. Marcelo Victor da Rosa

**Campo Grande
2008**

Caroline Silva de Oliveira

Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário

Trabalho de Conclusão de Curso considerado aprovado em 20 de Novembro de 2008, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Banca examinadora:

Prof. Ms. Marcelo Victor da Rosa (Orientador)- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Prof^a Dr^a Ana Maria Gomes- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(Banca)**

Prof^a Dr^a Claudia Aparecida Stefane- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Banca)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS

INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1- Uma passagem pelas teorias	11
1.1- O universo feminino da bola	11
1.2- Do gênero e suas formas	14
1.3- Da Educação Física, seus estereótipos e o preconceito	18
Capítulo 2- Ida à campo	24
2.1- Caracterização da pesquisa e procedimentos éticos	24
2.2- Instrumento.....	24
2.3- Público-alvo e período.....	25
2.4- Procedimentos da pesquisa	25
Capítulo 3- Saindo do armário	27
3.1- As jogadoras.....	27
3.2- Ídolos e o papel da mídia.....	28
3.3- Família.....	29
3.4- Práticas corporais e o corpo feminino.....	30
3.5- Preconceito, discriminação, homossexualidade e a homossociabilidade.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE	52
Instrumento.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Ídolos citados pelas jogadoras.....	28
Tabela 2- Interpretação das práticas corporais.....	30

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que colaboraram com minha pesquisa de forma direta e indireta, às jogadoras, aos colegas e professores do curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Cheguei até aqui por experiências boas e ruins durante minha graduação, desse modo, espero que as informações aqui contidas sejam relevantes para algumas pessoas.

Ao meu orientador e amigo Marcelo, por ser um incentivador desde o começo e o responsável por essa pulga de investigação de estudos de gênero em nosso curso, que me contaminou.

À minha amiga, professora e tutora Claudia, por ser uma mulher exemplo para qualquer acadêmico e profissional. Agradeço pela amizade, pelos conselhos e pelas vezes em que me pôs no tronco. Muitas vezes pensei em desistir, mas bastava trocar meia dúzia de palavras com essa mulher para que visse a luz lá no final do túnel. Nossos momentos ficarão sempre guardados na memória.

À professora Ana Maria, que sempre me atendeu por *email*, esteve à disposição para troca de informações e muito contribuiu para elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos do PET, por tantas vezes segurarem diversas “barras pesadas” comigo e compartilharem momentos inesquecíveis que certamente contribuíram para minha trajetória até aqui.

Aos meus amigos do peito, em especial Jarina, Fernando (s) e Rafaela, que agüentaram os momentos de stress, agüentaram as minhas brincadeiras sem graça e que estiveram presentes nos melhores e piores momentos durante esse trajeto. Em especial à minha amiga Nathália, que desde a coleta prometi agradecê-la oficialmente pela essencial ajuda.

À Viviane, uma mulher especial que de alguma forma me ajudou chegar até aqui. Inúmeras vezes era obrigada a trocar sua companhia para conclusão deste trabalho, e certamente foi a pessoa que mais agüentou minhas crises existenciais, mas segurou minha mão e não largou mais.

Aos meus pais e família, que sempre me apoiaram, nunca questionaram minha escolhas durante a vida acadêmica e são os verdadeiros culpados por estar

concluindo mais uma etapa dessa caminhada. Agradeço pela paciência que tiveram comigo e pelos momentos em que preferi me isolar de todos para me dedicar a esse estudo.

Por fim, agradeço a Deus por ter me dado a vida e a oportunidade de vivê-la bem.

OLIVEIRA, Caroline Silva de. **Mulheres em quadra**: o futsal feminino fora do armário. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008. Orientador: Prof. Ms. Marcelo Victor da Rosa.

RESUMO

A Educação Física é uma rica área para discussões de gênero, porém carece de estudos que abordam especificamente as relações de gênero, a homossexualidade e o preconceito nos esportes. Situações de preconceito, estereotipia, discriminação e desigualdade são evidentes na prática feminina do futebol/futsal. Diante da relevância do conhecimento das diversidades presentes em práticas corporais e esportivas e a inclusão da mulher nesse universo, esta pesquisa teve por objetivos: investigar as percepções de gênero, preconceito e homossexualidade em jogadoras de futsal e discutir o preconceito relacionado à homossexualidade presente. As informações foram obtidas por questionário estruturado com 18 questões distribuído a 35 atletas de alto rendimento, ex-atletas e mulheres que praticam futsal por lazer. A dimensão da homossexualidade na modalidade foi surpreendente quando todas responderam conhecer lésbicas que praticam o esporte. O comportamento homofóbico de algumas mulheres da pesquisa foi chocante, em contrapartida, ficou evidente a compreensão da maioria sobre a orientação sexual das lésbicas. As jogadoras têm consciência das relações de poder presentes no futebol, como resultante das relações de gênero historicamente presentes na sociedade. Elas são subversoras de uma ordem considerada natural que as colocam como coadjuvantes da história do futebol. No Brasil, onde o futebol é uma identidade nacional, as mulheres ainda não têm visibilidade, tornando-se mais um espaço a ser conquistado por elas. A conquista desse espaço, conseqüentemente, acarretará o respeito e amenizará o preconceito. Há muito que se discutir sobre o futebol feminino, pois é um espaço que ainda necessita de maior atenção por parte de pesquisadores sociais.

Palavras-chave: Futebol feminino, gênero, preconceito, homossexualidade.

APRESENTAÇÃO

Durante o segundo semestre de 2006, um Curso de Cultura e Educação Física foi ministrado aos acadêmicos do grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Educação Física pelo Prof. Ms. Marcelo Victor da Rosa, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Nesta atividade surgiu a oportunidade de aproximação com discussões relacionadas à Antropologia na Educação Física e estudos de autores renomados nos campos da cultura, práticas corporais, gênero e sexualidade aplicados às Ciências Humanas.

Após um primeiro contato com essas áreas percebeu-se um questionamento e estranhamento em relação a vida cotidiana, o que despertou o interesse em investigar o esporte que esteve sempre presente em minha vida.

O tema concretizou-se a partir da vivência da pesquisadora como atleta de futsal feminino por 10 anos aliada as situações de preconceito, estereotipia, concepções de gênero discriminatórias e desigualdade em relação ao futsal masculino observadas na prática.

Em 2007, numa participação no V Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XI Simpósio Paulista de Educação Física, notou-se que os trabalhos relacionados a gênero, apresentados neste evento, foram enquadrados em temas holísticos, ou seja, foi encarado como um “tema sem tema”. Uma pesquisadora de gênero presente na sala durante uma das apresentações, levantou uma discussão acerca disso: será que gênero é tão simples que não há necessidade nem de se criar uma área temática específica em eventos de Educação Física e Esportes?

Especificamente, na grade curricular do curso na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul há poucas disciplinas que trabalham esses conceitos. Seria interessante se houvessem abordagens de maior amplitude na Educação Física sobre construções, representações e relações de gênero no campo das práticas corporais e esportivas.

INTRODUÇÃO

Na área da Educação Física é crescente o número de publicações relevantes que trazem uma discussão mais aprofundada dos conceitos de gênero, homossexualidade e preconceito (CARNEIRO, 2007; LIMA, 2006; ROSA, 2004; DARIDO, 2002).

Porém, conforme afirma Fabiano Devidé (2005), “[...] no Brasil ainda é recente a produção de estudos sobre as mulheres no esporte a partir de uma perspectiva de gênero, o que torna difícil estabelecer uma trajetória sobre as características das pesquisas efetuadas na área” (p. 24).

Dos trabalhos existentes, há uma tendência em se focalizar as diferenças entre homens e mulheres no esporte e não a relação entre os grupos (DEVIDÉ, 2005). Isso se constituiu numa motivação para elaboração deste estudo sobre gênero e esportes.

Em relação à prática do futebol/futsal feminino, optou-se por esse tema, uma vez que se trata de uma conquista recente, em que se confere a invisibilidade e valores negativos, como o preconceito e estereotipia. Apesar das mulheres protagonizarem histórias, seja na mídia esportiva, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na Educação Física escolar ou nas políticas públicas de lazer, é uma temática ainda a ser explorada pelos estudiosos (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2005; ADELMAN, 2003; DARIDO, 2002).

Frente a esse contexto, este estudo tenta responder a problemática: Qual a percepção das relações de gênero, preconceito e sexualidade dessas jogadoras a partir de uma prática esportiva estereotipada?

Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi o de investigar as percepções de gênero, preconceito e homossexualidade em jogadoras de futsal e discutir o preconceito presente no futebol feminino e os estigmas associados a esse esporte.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro, *Uma passagem pelas teorias*, aborda conceitos e estudos sobre futsal e futebol feminino, gênero, estereótipos, preconceito, discriminação, homossexualidade e homofobia.

O segundo capítulo, *Ida à campo*, reporta as questões éticas e os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

O terceiro capítulo, *Saindo do armário*, trará o confronto dos resultados obtidos com a opinião de estudiosos e da própria autora, momento em que serão levantadas questões religiosas, família, mídia, práticas corporais, além de outros aspectos apontados pelas jogadoras.

CAPÍTULO 1- UMA PASSAGEM PELAS TEORIAS

"Imagina, o cara tem um filho, aí o filho arranja uma namorada, apresenta a namorada ao sogro e o sogro pergunta a ela: 'O que você faz, minha filha?' E a mocinha responde: 'Sou zagueiro do Bangu'. Quer dizer, não pega bem, não é?" (João Saldanha, Jornal de Debates IG, 2006) ¹

1.1- O universo feminino da bola

O futebol é um aspecto imprescindível para entender a sociedade brasileira. A mobilização motivada por esse esporte estabelece relações sociais democratizantes na medida em que reúne pessoas de origens diversas em torno de um assunto sobre o qual todos opinam de forma legítima. O futebol atua na construção de uma identidade nacional que se opõe à diversidade individual e influencia o processo de construção do corpo e da cultura masculina (GUEDES, 1998).

A afirmação feminina nesse espaço eminentemente masculino ainda é recente, porém houve uma rápida e impressionante expansão desse esporte entre as mulheres, mundialmente registrada a partir da década de 1980. (FRANZINI, 2005).

A legislação contribuiu para que o processo de entrada da mulher no esporte mais praticado no país se desse apenas no final da década de 1980. Durante a ditadura militar, o Conselho Nacional de Desporto (CND), através da resolução número 7/65, proibiu as mulheres de praticarem lutas, futebol, pólo aquático, pólo, rugby e baseball. Médicos que na época se dedicavam à medicina esportiva e que escreviam artigos nos jornais, alertavam sobre as conseqüências traumáticas e o comprometimento dos órgãos de reprodução se esta prática esportiva fosse adotada pelas mulheres. Somente em 1986, o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas do país (FRANZINI, 2005).

¹ Episódio lembrado pelo jornalista Sérgio Cabral em debate-homenagem a João Saldanha realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1990.

Em relação ao futsal, a prática feminina foi autorizada pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) em 23 de abril de 1983. Após 25 anos observa-se uma evolução significativa: em âmbito nacional, além da tradicional Taça Brasil de Clubes, formou-se pela primeira vez uma Seleção Brasileira do gênero mais precisamente em 07/12/2001 e promoveu-se, em 2002, o I Campeonato Brasileiro de Seleções. Atualmente no Brasil parte das atletas, é remunerada para treinar e competir em futsal (SANTANA; REIS, 2003).

Com o advento da Seleção Brasileira da categoria principal, a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) demonstra o seu interesse em fomentar intercâmbios internacionais. Esses são os primeiros passos para a realização, num futuro próximo, de um Campeonato Mundial. Há, inclusive, uma necessidade de se expandir o futsal feminino em âmbito internacional, isso porque, para tornar-se Olímpico, a modalidade tem de ser praticada pelos sexos masculino e feminino. Frente a isso, o futsal feminino vive o seu mais bem sucedido momento histórico (SANTANA; REIS, 2003).

No contexto do início da prática do futebol/futsal feminino no Brasil não é possível deixar de lado o papel desempenhado pela mídia. “Certamente, por interesses econômicos e não na tentativa de romper com os valores sexistas e discriminadores”, em meados da década de 1980, a televisão passou a exibir os jogos de futebol feminino (DARIDO, 2002, p.3) e tem interesse em atribuir maior projeção ao futsal feminino, diante da relevância política desse esporte na busca pela participação olímpica (SANTANA; REIS, 2003)

O número de mulheres brasileiras que hoje pratica o futebol em clubes e áreas de lazer aumentou se comparado às décadas anteriores, bem como são significativas as conquistas da seleção feminina que, desde o final dos anos 90, vem marcando sua história em eventos de grande projeção internacional (DACOSTA, 2005).

Como exemplo a essa participação crescente do futebol feminino, os Jogos Panamericanos Rio (2007) mostraram a capacidade das meninas da seleção brasileira ao conquistarem a medalha de ouro na competição e mais recente ainda, a mesma seleção conquistou o inédito vice-campeonato mundial de futebol feminino

(2007) e a medalha de prata nas Olimpíadas de Pequim (2008). No final de 2006 foi amplamente divulgada, nos meios de comunicação, uma importante motivação para o futebol feminino, o prêmio de melhor jogadora do mundo da FIFA atribuído à brasileira Marta Vieira da Silva (que joga na Europa).

No futsal, destaca-se a conquista inédita da equipe nacional feminina “Associação Sabesp (SP)” no Campeonato Sul-americano de Clubes de 2002, disputado em Nhunhoa, Chile.

Mais do que identificar quando o futebol/futsal feminino teve seu início no Brasil é importante dizer que essa inserção feminina no universo masculino é considerada uma transgressão ao passo que subverte a ordem de um espaço que não é apenas esportivo, mas também sócio-cultural que traz consigo outros valores embutidos, como o corpo erotizado, a graciosidade, a beleza e a sensualidade (GOELLNER, 2006).

Falar de uma modalidade esportiva implica em abordar pontos que nem sempre são discutidos em relação às práticas corporais. No contexto do futebol feminino existe o discurso da masculinização da mulher associado ao estereótipo do corpo feminino imposto pela sociedade, “[...] o corpo expressa uma cultura e esta determina corpos” (DAÓLIO, 2003, p.25).

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade, os músculos exaltados, os gestos agressivos do corpo, a liberdade de movimento, a imagem das jogadoras, colocam-nas em questionamentos acerca de sua sexualidade, uma invasão na identidade sexual. A mulher que joga futebol não se encaixa no que é considerado normal, a heterossexualidade (GOELLNER, 2005).

As identidades de gênero e os preconceitos presentes no discurso feminino do futebol estão impingidos na sociedade por uma construção histórica, ou seja, a identidade feminina nos padrões aceitáveis pode ser exemplificada pela mulher que pratica dança ou um esporte menos agressivo, como o voleibol.

Para melhor compreensão desse processo são necessárias reflexões acerca das relações de gênero presentes na Educação Física.

1.2- Do gênero e suas formas

A década de 1960 foi um período de grande questionamento da sexualidade e alguns movimentos, entre eles, o feminista e o gay; vieram questionar as relações afetivo-sexuais no âmbito das relações íntimas e das trocas homoafetivas no espaço público.

Foi no auge dos movimentos libertários, por volta de 1968, que surgiu a problemática de gênero, quando as mulheres perceberam que apesar de militarem em “pé de igualdade” com os homens, elas tinham nestes movimentos um papel secundário (GROSSI, 1998).

Frente a essa desigualdade de gênero, utiliza-se seu conceito como igualmente empregado para identificar as relações sociais entre os sexos e segundo Joan Scott:

O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. [...] é uma maneira de indicar as ‘construções sociais’: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. [...] oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. [...] coloca a ênfase sobre todo o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade (1995, p.86).

Gênero é aqui entendido como as diferenças nas construções sociais e nas relações de poder, a partir do que é social, cultural e historicamente determinado. Essa percepção, por sua vez, está fundada em binarismos que opõem masculino/feminino, forte/fraco, dominante/dominado.

As reflexões de Louro (1999) sobre a questão das diferenças em relação ao gênero mostram que as distinções entre homens e mulheres têm sido provadas através de explicações das teorias. Características físicas, psicológicas, comportamentais, habilidades, talentos e capacidades, “[...] são utilizadas para justificar os lugares sociais, os destinos e as possibilidades próprios de cada gênero” (LOURO, 1999, p. 85).

Ao se falar da problemática de gênero nos esportes, as discussões têm sido associadas ao feminismo esportivo, que surgiu em resposta à dominância masculina neste campo e à marginalização das experiências femininas no esporte e na atividade física pela sociologia esportiva, refletindo relações de gênero predominantemente masculinas (DEVIDE, 2005).

Outro aspecto dessa problemática é a identidade de gênero. Todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Para o psicólogo americano Robert Stoller, o “sentimento de ser mulher” e o “sentimento de ser homem”, ou seja, a identidade de gênero era mais importante do que as características anatômicas (STOLLER, 1968). Isto se constrói em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebê, enquanto menina ou menino e os comportamentos esperados condizentes a ele (GROSSI, 1998).

A um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam-no aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em árvores, *skate* etc.). Em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas a agir com sutileza e bons modos, a não se sujar, não suar, devem ficar em casa, a fim de serem preservadas das brincadeiras “de menino” e ajudarem as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães. (DAÓLIO, 1995).

Daólio (2005) quis esclarecer as diferenças entre homens e mulheres no que se refere às habilidades motoras, utilizando exemplos da vida diária. Essas características, isto é, o fato de uma mulher ser feminina, passiva e afetiva e um homem ser masculino, ativo e agressivo, pode-se entender como esse o conceito de natural e determinante para a construção de uma identidade de gênero.

Jocimar Daólio (1995) em seu estudo intitulado “A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas”, ressalta a força da tradição de um determinado valor ou costume cultural no comportamento de uma criança.

Para uma menina assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Implica ser chamada de ‘machona’ pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica ser chamado de ‘bicha’ ou ‘efeminado’. Tanto para o menino quanto para a menina que contrariam a expectativa que deles se tem, há o peso de uma sociedade que os marginaliza [...] (1995, p.103).

Outra face que tem servido como parâmetro para distinguir a masculinidade da feminilidade são as diferenças biológicas entre os homens e as mulheres, sendo comumente utilizadas para justificar como “natural” um conjunto de diferenças sociais relativas aos comportamentos, discursos e valores atribuídos a um ou outro sexo (DEVIDE, 2005).

Isso tem caracterizado um determinismo biológico que justifica as desigualdades de gênero a partir das diferenças biológicas “naturais”, endossando e legitimando as relações de dominação e os motivos de as mulheres terem menos acesso em atividades sociais em comparação com os homens, inclusive no esporte (DEVIDE, 2005).

Entender as relações de gênero permite compreender a relação entre sexualidade e poder, considerada aqui pelo binarismo masculinidade/feminilidade. A sexualidade é considerada como um fato social, enquanto condutas e como fundadora da identidade sexual (ANJOS, 2000).

Em 2006 foi realizada uma investigação em três capitais brasileiras acerca da concepção de sexualidade entre jovens e adolescentes, intitulada “Pesquisa GRAVAD”. O quadro brasileiro apontado pela pesquisa está longe de se aproximar da imagem de país como sexualmente desinibido. Diferenças tão profundas entre homens e mulheres atestam que um código de gênero estabelece fronteiras demarcadas entre a conduta aceitável para cada categoria de sujeitos. Modos de significação e contabilidade das práticas sexuais se apresentam como

demarcadores de universos distintos para homens e mulheres, em que prevalece a maior aceitação de certas práticas sexuais masculinas em comparação com as mesmas práticas femininas (HEILBORN, 2006).

A sexualidade traz consigo a heterossexualidade como norma, e dispõe homens e mulheres segundo a natureza. A subversão a essa ordem é chamada de homossexualidade, a qual é definida como a possibilidade que certos sujeitos têm de sentir os desejos ou relações físicas de cunho erótico por pessoas do mesmo sexo biológico (INÁCIO, 2002).

Alguns exemplos podem ilustrar como comportamentos sociais relacionados a sexualidade no esporte são construídos no cotidiano. Na Inglaterra há uma grande pressão em favor da prática esportiva como um hábito para os homens, rotulando de “desviantes”, “afeminados” ou “homossexuais” aqueles que não se engajam com o esporte; assim como desencorajando e rotulando de “masculinas” ou “lésbicas” aquelas mulheres que se envolvem no esporte (DUNNING; MAGUIRE, 1997).

No Brasil, estudos sobre os estereótipos sexuais construídos socialmente e associações com a prática das atividades físicas foram temas de pesquisas da área escolar (ALTMANN, 1998; SARAIVA, 1999).

No futebol/futsal, como em outros esportes, mulheres atletas têm de lutar constantemente com a idéia de que sua feminilidade e graciosidade estarão irreparavelmente comprometidas em função da opção pela prática esportiva (DEVIDE, 2005).

1.3- Da Educação Física, seus estereótipos e o preconceito

A partir da década de 90 com a criação da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) 1997, a Educação Física começou a ter um lugar de prestígio.

Para os PCNs (1997), as aulas de Educação Física mistas podem dar oportunidades de meninos e meninas observarem-se, descobrirem-se e aprenderem a ser mais tolerante, não discriminar e compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereótipos das relações sociais entre os sexos.

As aulas mistas na Educação Física têm o intuito de priorizar as atividades para ambos os sexos, porém nem sempre são aulas co-educativas, pois a co-educação tem como objetivo levar o aluno a trabalhar as mesmas possibilidades e oportunidades, vivenciando as diferenças e semelhanças. Para Saraiva (1999, p.190) “[...] a concepção de co-educação, [...], nas aulas de Educação Física, as meninas e os meninos devem receber as mesmas atenções e vivenciar as mesmas práticas, desenvolvendo a compreensão de diferenciadas manifestações do agir esportivo”.

Embora exista esse amparo da LDB e dos PCNs, na Educação Física reflete-se ainda um viés sexista que transformou a mulher em um ser submisso, obediente, dócil e destinou-lhe o desempenho de um papel secundário e de menor valor social (SARAIVA, 1999).

Jocimar Daólio (1995) afirma que “[...] a ação do professor de Educação Física, por mais progressista que seja, ainda não se liberou da dicotomia criada culturalmente entre o masculino e feminino”, como exemplo, a prática do futebol feminino dentro da aula de Educação Física ainda é vista com olhar de exclusão pelos professores e conseqüentemente pelos próprios alunos, em alguns casos (DAÓLIO, 1995, p.104).

Para Louro (2003) a Educação Física é uma disciplina que sempre teve uma preocupação com a sexualidade das crianças, visão da masculinidade do menino no esporte sempre foi muito valorizado, quanto para as meninas o contato físico no jogo e as agressividades vão contra a feminilidade das mesmas.

A Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para manifestações de preocupação com a relação à sexualidade das crianças. Ainda que tal preocupação esteja presente em todas as suas situações escolares, talvez ela se torne particularmente explícita numa área que está, constantemente, voltada para o domínio do corpo. [...] Não se pode negar que ser o melhor, no esporte pode representar, especialmente para um menino ou um jovem, um valorizado símbolo de masculinidade. [...] por outro lado, ocupa-se de modo particular das meninas e afirma que os cuidados com relação à sua sexualidade levam muitas professoras e professores a evitar jogos que supõe 'contato físico' ou uma certa dose de 'agressividade'. [...] Agrega-se aí outros argumentos, como fato de tais atividades podem 'machucar' os seios ou órgãos reprodutores das meninas (LOURO, 2003, p.74-76).

A visão profissional de meninos, hoje, para o sucesso, é ser jogador de futebol, semelhante ao seu ídolo. Para meninas, por sua vez, o sonho de profissão é ser atriz ou modelo, sinônimo de passividade e sensualidade (GOMES; TREVISAN, 2008). Essas afirmações não são via de regra, porém remetem a questão dos estereótipos associados ao homem e a mulher, impingidos a sociedade como os autores acima reforçaram.

Essa divisão de papéis do homem e da mulher dentro da sociedade podem ser melhor entendidas através da estereotipia. [...] os estereótipos são imagens concebidas como as únicas possíveis de definirem algum objeto, pessoa, grupo social ou sexual, [...], desconhece, ou pelo menos ignora, as diversificações que possam ocorrer na configuração de um homem” (TOLEDO, et al, 1983, p.38).

A rigidez dos estereótipos “[...] influem no processo de percepção das pessoas e simplificam a realidade objetiva”, criando resistência às mudanças. Com isso, dá-se um “velamento” da realidade, já que por trás dos estereótipos, podem estar sendo escondidas necessidades, aspirações e potencialidades do sujeito a quem se dirige o olhar estereotipado (ROMERO, 1990, p.52).

Essas relações configuradas sob influência dos estereótipos sexuais repercutem no esporte escolar e de rendimento e nas aulas de Educação Física, interferindo da prática esportiva (SARAIVA, 1999).

A Educação Física expõe os estereótipos de gênero, por ser uma disciplina que promove a relação de contato e de movimento dos corpos. Ela não está isolada, pois quem a reforça é a escola, conforme aponta Rosemberg (1995).

Se, de acordo com alguns estudos, a escola, quando comparada a outras instituições, parece constituir um dos espaços privilegiados de iniciação das mulheres em Educação Física e esportes, outros estudos assinalam, direta ou indiretamente, que a escola produz e reproduz condições para a permanência de papéis sexuais tradicionais no que diz respeito ao desenvolvimento das potencialidades motoras de meninos e meninas. (1995, p.291).

O que acentua os estereótipos de gênero nas aulas de Educação Física na escola é a determinação das atividades por sexo, por exemplo, a menina dança e o menino joga futebol.

Elaine Romero (1990) desenvolveu uma pesquisa com professores de Educação Física buscando observar se os mesmos apresentavam estereótipos masculinos e femininos quando se reportavam a seus alunos. Apresentou a eles uma lista de adjetivos, pedindo que manifestassem concordância ou discordância em relação ao sexo. Os resultados foram interessantes e confirmaram o estereótipo sexual dos professores. Os alunos do sexo masculino tiveram os seguintes adjetivos considerados pelos professores como adequados ao seu sexo: agressividade, ativo, autoritário, capaz, dedicado ao lar, delicado, esportivo, forte (fisicamente), independente, líder e machista. Às meninas, foram associados os seguintes: atraente, decidida, elegante, meiga, responsável, sensível e vaidosa.

Vê-se que os professores de Educação Física sentem dificuldades em se libertarem de determinados preconceitos e comecem a propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as dificuldades e os interesses de cada um (DAÓLIO, 1995).

A escola não está sozinha ao reforçar os estereótipos. Outro exemplo pode ser dado a partir da pesquisa de Melo (1998) sobre a construção dos corpos masculino-feminino nas academias, tratadas como espaço de manifestações culturais centradas no corpo, com características associadas à *performance*, velocidade, força, agilidade, produtividade, preconizando práticas diferenciadas para homens e mulheres, relacionadas ao pertencimento sexual.

Nas academias, a autora encontrou a polaridade ginástica e musculação, a primeira visando um trabalho mais leve e aeróbico e a segunda a hipertrofia e força musculares, praticadas, em sua maioria, respectivamente por mulheres e homens.

Tais atividades são escolhidas a partir de representações sobre os papéis masculino-feminino com base nos estereótipos sexuais de “homem forte” e “mulher sexo frágil” (DEVIDE, 2005).

Outro discurso presente na Educação Física e nos esporte, especificamente no futebol feminino, é o preconceito (CARNEIRO, 2007, FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2005; DAÓLIO, 2003; DARIDO, 2002; ALTMANN, 1998; ROMERO, 1990).

O preconceito é visto como uma forma de construção do outro, a partir da própria neutralização desse outro. Implica a negação do indivíduo diferente e, no mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior/dominante. (NUNAN, 2003).

De forma sucinta, o preconceito pode ser definido como uma atitude hostil ou negativa para com determinado grupo, baseada em generalizações deformadas ou incompletas. [...] Esta generalização é chamada de estereótipo e significa atribuir características pessoais ou motivos idênticos a qualquer pessoa de um grupo, independentemente das variações individuais. Os estereótipos são ao mesmo tempo a causa e a consequência do preconceito, e ambos (estereótipo e preconceito) geram discriminação contra o grupo-alvo. [...] No que se refere à discriminação, esta pode ir desde um tratamento diferenciado, passando por expressões verbais hostis e de desprezo, chegando ou não a atos manifestos de agressividade (2003, p. 59).

Tendo como exemplo o futsal/futebol feminino, o preconceito se apresenta de muitas maneiras, seja nas questões de gênero, mulheres não sabem jogar bola, nas questões do vestuário associado aos papéis de gênero, mulheres que se vestem como homens, ou ainda na sexualidade, mulheres que jogam futebol são lésbicas (CARNEIRO, 2007).

Segundo uma pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), de autoria do psicólogo Jorge Dorfman Knijnik, um dos principais problemas emocionais sofridos pelas mulheres que praticam o futebol é o preconceito (KNIJNIK, 2004).

Em entrevista o psicólogo Knijnik diz que:

O preconceito é social e basicamente reside em relacionar a imagem da futebolista com sua sexualidade, ou seja, ser jogadora de futebol é ser homossexual. E a homossexualidade feminina ainda é muito mal vista pela

sociedade. Além disso, há o preconceito sobre o corpo feminino, que deve se refeminizar, caso a jogadora queira ser vista como uma mulher (KNIJNIK, 2004).

Entre os preconceitos e estereótipos que ainda cercam a prática das mulheres no futebol está a associação de sua imagem à homossexualidade. Esse preconceito da homossexualidade associado às jogadoras de futebol se apresenta, às vezes, como motivo de desconforto (GOELLNER, 2005).

Em um breve retrospecto, Nunan (2003) afirma que o estudo da homossexualidade tem sido particularmente intenso ao longo dos últimos 20 anos.

Inicialmente dominado por antropólogos, este campo teórico extremamente fértil tem pouco a pouco incorporado perspectivas interdisciplinares que incluem as áreas de história, sociologia, comunicação e psicologia, entre outras. O renovado interesse por este tema se deve ao fato de que a cultura homossexual Ocidental tem sofrido mais mudanças nesse período do que em qualquer outro momento histórico, gerando para os homossexuais uma visibilidade com a qual o mundo moderno jamais teria sonhado (2003, p. 17).

A construção cultural do corpo feminino no esporte foi feita seguindo-se de um paradigma heterossexual, baseado na hegemonia masculina e submissão feminina a partir das diferenças biológicas (RUBIO, 1999), o que fez e faz com que as mulheres tenham que romper barreiras de gênero, assentadas em pressupostos biológicos que as situam como inferiores aos homens na prática atlética, “[...] contribuindo para que elas necessitem transformar o próprio corpo, instrumento de emancipação, para incluírem no universo da competição esportiva, construída com base nos valores em que elas estão em desvantagem, e que nunca teve como finalidade torná-las mais femininas”; ao contrário dos homens, para os quais o esporte foi e tem sido um meio de construção da masculinidade (DEVIDE, 2005, p.44).

Vale comentar sobre o estigma que é decorrente do preconceito, de idéias pré-concebidas, crenças, expectativas sociais. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/deprecia-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente (GOFFMAN, 1988).

No futebol feminino, as atitudes estigmatizantes ocorrem em relação a própria sexualidade, ao comportamento e à aparência das jogadoras. Aspectos estes que evidenciam o quanto o talento e o corpo de determinadas atletas provocam desconfiças, em especial aqueles cujo comportamento e aparência excedem algumas das fronteiras estipuladas como identificadoras da identidade de cada gênero. Talentos e corpos esses que, não raras vezes, carregam em si o estigma da imperfeição ou do desvio (GOELLNER, 2005).

Ao se discutir preconceito, discriminação, estigma e estereótipos inseridos no tema da homossexualidade, ressalta-se a importância em resgatar o conceito de homofobia (ROSA, 2004).

Adriana Nunan (2003, p.78) define homofobia como “[...] atitudes negativas direcionadas a um determinado indivíduo (ou grupo) por causa de sua orientação sexual”.

O termo pode ser entendido também, segundo Welzer-Lang (2001, p.7), como “[...] a discriminação contra as pessoas que mostram ou a quem se atribui algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero”.

De modo geral, a homofobia se caracteriza por insultos, piadas, olhares reprovadores, agressão física e assassinato. Essas são práticas comuns na ordem social contra gays, lésbicas, transexuais e travestis (NUNAN, 2003).

O fato de existir a superioridade masculina sobre as mulheres no futebol e a sociedade normatizar o que deve ser a sexualidade feminina: mulher é frágil, sensível e passiva, acaba reproduzindo uma atitude homofóbica, no momento em que desvaloriza a categoria, no caso as mulheres, por não se configurarem ao “normal” e as estigmatiza, como não sendo mulheres normais e são associadas aos homens (WELZER-LANG, 2001).

CAPÍTULO 2- IDA À CAMPO

2.1- Caracterização da pesquisa e procedimentos éticos

Caracteriza-se por uma pesquisa descritiva (THOMAS; NELSON, 2002).

Este estudo seguiu os procedimentos éticos recomendados de autorização das atletas e consentimento para a utilização das informações para fins de consolidação.

Foi enviado às respondentes um termo de confidencialidade garantindo a todas as participantes da pesquisa o sigilo das informações recebidas, comprometendo-nos a somente utilizá-las para análise e discussão, vedando a divulgação total ou parcial, em caráter individualizado, das respostas provenientes do questionário.

2.2- Instrumento

As informações foram obtidas por um questionário estruturado com 18 questões distribuídas em quatro páginas (apêndice I). A folha inicial continha a identificação da instituição a qual pertence a pesquisadora, identificação e assinatura da autora, a proposta da pesquisa, certificação de confidencialidade das informações, termo de autorização a ser assinado pela respondente.

Na segunda folha haviam cinco questões sendo três abertas (idade, profissão, que curso fez ou está fazendo no ensino superior) e duas fechadas (nível de escolaridade, tempo de prática de futsal). Na mesma folha haviam mais três questões: uma aberta (ídolo no futsal/futebol), uma mista (participação da família) e uma de múltipla escolha (relacionar as práticas corporais ao sexo).

Nas folhas seguintes, as questões eram todas mistas, com espaço para descrição de opiniões uma vez que estas perguntas eram de relatos de situações vividas na prática do futsal, opinião acerca do preconceito, discriminação, homossexualidade e relacionamento com as demais jogadoras.

Antes de sua aplicação foram realizados testes-pilotos com atletas que não configuraram na amostra do estudo.

2.3- Público-alvo e período

Para a presente pesquisa, a população-alvo foi constituída por jogadoras-atletas de equipes universitárias de treinamento de alto rendimento para competições, ex-atletas e mulheres que praticam o esporte por lazer.

Ao todo foram entregues 50 questionários, no período de junho a julho de 2007, porém a amostra foi composta por 35 praticantes devido a não devolução do instrumento pelas demais.

2.4- Procedimentos da pesquisa

Os questionários foram entregues nos dias dos treinos no caso das atletas, nos jogos de finais de semana e/ou pessoalmente para as ex-atletas. Em alguns casos, o questionário foi enviado via correio eletrônico.

Após ter os questionários respondidos, muitas das jogadoras entraram em contato com a pesquisadora a fim de conhecerem a pesquisa e se colocarem a disposição para conversas e troca de informações relacionadas ao tema.

Os questionários recolhidos foram numerados de 1 à 35 para identificação das respondentes como forma de revelar os relatos, porém não identificar a identidade da jogadoras. Diante disso, utilizou-se a sigla “JG” seguida do número correspondente.

Todos os resultados obtidos pelo questionário foram organizados em uma tabela, momento em que foi feita a divisão das respostas por frequência em cada questão e apreciação dos relatos de acordo com a relevância do discurso em relação à temática desta pesquisa, isto é, nem todos os relatos foram expostos na discussão da pesquisa, visto que alguns termos, conceitos e opiniões que se enquadram nas mesmas interpretações se repetem freqüentemente entre as respondentes.

A análise foi feita a partir das citações diretas sobre experiências pessoais, de maneira que a pesquisadora pudesse tomar decisões e tirar conclusões a partir dos textos, confrontando os discursos com a opinião de autores. Vale ressaltar que os discursos foram redigidos na íntegra e que não foram feitas correções quanto a linguagem formal.

CAPÍTULO 3- SAINDO DO ARMÁRIO

3.1- As jogadoras

A média de idade foi de 21 anos, sendo 17 a idade mínima e 29 anos a máxima. A maioria das jogadoras já possuía a maioridade, ou seja, capaz para os atos da vida pública como exercer direitos próprios de adultos.

Quanto à profissão, a ocupação estudante foi predominante, momento em que o contato com escola e/ou universidade deveria colocar os indivíduos a par de discussões pertinentes a sociedade atual, como o preconceito e a homossexualidade, particularmente abordadas nesta investigação, porém esse fato nem sempre acontece na realidade brasileira.

Em relação ao nível de escolaridade, 21 respondentes estava cursando o ensino superior; 7 mulheres tinham o ensino superior completo e 4 o ensino médio completo. O restante possuía o ensino médio incompleto. Observou-se que a maioria cursava o ensino superior, o que supostamente demonstra estas jogadoras estarem num período de contato com as diversidades de conhecimento de uma universidade e participavam de campeonatos representando as instituições as quais pertenciam.

Dentre as 28 que cursavam o ensino superior ou já haviam completado, o curso de Educação Física foi citado por 14 jogadoras; Direito e Medicina Veterinária por 3; Fisioterapia por 2 e Medicina, Psicologia, Administração, Física, Análise de sistemas e Enfermagem pelas outras jogadoras. Supõe-se que a maior parte, por estar cursando ou ter completado Educação Física, tinha contato mais específico a assuntos ligados a esportes e as informações atuais acerca do próprio futebol, por ser esta uma disciplina presente na grade curricular do curso.

Sobre o tempo de prática no futsal, 33 mulheres jogavam a mais de cinco anos, uma praticava a um ano e outra a dois anos. A maioria das respondentes demonstrou um grande tempo dedicado a esse esporte, o que lhes proporciona maior percepção dos aspectos que envolvem a prática do futsal.

3.2- Ídolos e o papel da mídia

A respeito do ídolo no futsal/futebol, algumas jogadoras citaram mais de um por isso o número ultrapassa a quantidade da amostra como mostra a Tabela 1.

Tabela1- Ídolos citados pelas jogadoras

Ídolos	Freqüência
Do sexo masculino	34
Do sexo feminino	7
Não têm	7

A Tabela 1 mostra que, dadas as desigualdades que marcam a atuação das mulheres em diversos campos, o futebol/futsal feminino profissional é pouco conhecido até mesmo pelas respondentes, visto que a maioria apontou homens como ídolo. Outro aspecto que chamou atenção foi o fato de somente dois jogadores de futsal terem sido citados: Falcão e Manoel Tobias.

Vale ressaltar que o questionário foi aplicado antes dos Jogos Panamericanos- Rio 2007 e dos Jogos Olímpicos de Pequim, momento em que houve grande divulgação por parte da mídia e destaque ao futebol feminino pela conquista da medalha de ouro.

A mídia forma, constrói e modela a sociedade através da produção e divulgação dos fatos, assim como afirma Nunan (2003):

[...] a mídia (em geral) e a publicidade (em particular), tornam-se poderosos agentes de socialização e disseminadores de opinião, adquirindo um papel fundamental na construção e perpetuação de estereótipos, devendo, portanto, ser levadas em consideração durante qualquer tentativa de análise do fenômeno do preconceito (2003, p. 69).

Talvez se a mídia voltasse uma atenção maior às modalidades futebol/futsal feminino, porém uma atenção voltada não para o corpo das mulheres e sim para prática competitiva e de superação, não só os órgãos públicos de incentivo ao esporte, mas a própria sociedade, iria valorizar as mulheres tanto quanto os homens futebolísticos.

Mas a mídia por si só não faz com que mudanças sociais e culturais ocorram, ainda mais quando falamos de um “mundo predominantemente masculino”.

3.3- Família

Foi perguntado às jogadoras como era a participação da família/amigos em relação à prática do futsal, 23 disseram que recebem total incentivo, 6 responderam que a família é contra, mas permite, e 6 marcaram a opção “outro”, a qual destaca-se algumas respostas:

[...] meu pai principalmente é o verdadeiro corneta saca? Ele só dá piruada pra sacanear então nem me ligo neles, minha mãe e minhas irmãs sempre me deram maior força (JG7)

[...] minha mãe dá incentivo desde que não me atrapalhe na faculdade (JG25).

[...] encaram como um esporte qualquer (JG26).

A família é o ambiente social primário onde os atletas desenvolvem sua identidade, auto-estima e motivação para o sucesso nos esportes. O bom desenvolvimento do atleta se deve, muitas vezes, ao encorajamento da família, atribuição de valores, além do apoio psicológico durante a carreira (VILANI; SAMUSLKI, 2002).

O incentivo da família é importante no desenvolvimento de qualquer prática esportiva e quando se trata de uma modalidade em que as praticantes são vistas de maneira diferente pela sociedade, seu papel se torna de apoio ou barreira visto que é difícil permanecer praticando o futsal se existe o pensamento preconceituoso dentro da própria casa. Existem casos, como alguns relatados na pesquisa, em que a prática é feita escondida da família, os pais não sabem ou não se expressam.

Em reportagem publicada no Jornal O Dia, no ano de 1997, a filha caçula de um dos mitos do futebol brasileiro, Garrincha, relata os vários esforços que fez para convencer a mãe a aceitar sua participação como atleta no universo do futebol: “Ela só quer que eu arrume um namorado. Tem medo que pensem que eu sou sapatão.” (SILVA, et al, 1998, p.113)

Exemplos como este mostram que o estigma atribuído às jogadoras pela sociedade, infiltra-se no ambiente familiar muito mais pela sensação de vergonha dos pais pelo que os outros vão pensar de sua filha, do que pela prática do futebol/futsal em si. Enquanto a sociedade estiver pautada na masculinização do corpo da mulher que “joga bola”, a família terá dificuldade para abandonar o medo dos “perigos” presentes nesses esportes, como por exemplo, a homossexualidade.

3.4- Práticas corporais e o corpo feminino

Uma característica levantada neste estudo foi a respeito da interpretação das respondentes de práticas corporais, como masculina, feminina ou para ambos, conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2- Interpretação das práticas corporais

Modalidade	Para ambos	Só feminina
Futsal	35	-
Ginástica rítmica	-	18
Ginástica artística	-	8
Ginástica <i>fitness</i>	-	6
Hidroginástica	-	3
Dança	-	4
Lutas	33	-
Basquete	34	-
Musculação	34	-

Com essa pergunta buscava-se verificar a visão das jogadoras de futsal sobre práticas corporais que de alguma maneira geram discussão pelo fato de serem consideradas, ou “masculinizantes”, ou “feminilizantes”.

A ginástica rítmica em si é uma modalidade feminina em nível de competição o que não impede um homem de praticá-la como uma atividade física. O restante das atividades não tem restrições de prática quanto ao sexo.

A partir dos dados nota-se que as jogadoras vêm as modalidades (Futsal, Voleibol, Basquetebol, Dança, Lutas, Caminhada, Musculação, Ginástica (*fitness*),

Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Natação e Hidroginástica) como práticas comuns a ambos os sexos talvez pelo fato de estarem inseridas num esporte que nem sempre é visto pelo feminino e por isso têm o entendimento de que as práticas corporais são acessíveis a homens e mulheres, independente das características físicas, sociais e culturais atribuídas a cada atividade.

De acordo com Mauss (1974), a interpretação de uma prática corporal é diferente se compararmos diferentes indivíduos ou grupos de acordo com a sua cultura e formação. Se a mesma pergunta fosse feita a praticantes de Voleibol, por exemplo, as interpretações poderiam ser diferentes. O grupo aqui investigado, jogadoras de futsal feminino, está inserido em um contexto de subversão de fronteiras de gênero.

No futebol, o corpo da mulher é encarado como um corpo feminino em uma prática masculina, assim como na dança e na ginástica existe essa “comparação” em relação à participação masculina. Os homens são discriminados nesses campos, tais quais as mulheres que preferem as formas esportivas de lutas e jogos competitivos.

De acordo com Devide (2005), o esporte deve ser visto como um contexto importante para a humanização do ser humano.

O mundo esportivo é uma arena importante para a socialização de crianças e adolescentes em relação aos valores da prática física, valores estes que precisam ser modificados e soltos das amarras estereotipadas dos papéis sexuais, que atribuem características masculinas ou femininas a determinados esportes e atividades físicas, delimitando, de antemão, os espaços destinados aos meninos e meninas que ingressam aos milhares, todos os dias, nos clubes, centros de treinamento, academias e demais espaços para a prática de atividades físicas e esportivas (2005, p. 64).

Essa é a difícil tarefa, principalmente para o professor de Educação Física na escola, respeitar as diferenças entre meninos e meninas e, ao mesmo tempo, propiciar a todos os alunos as mesmas oportunidades de prática corporal e desenvolvimento de suas capacidades motoras (DAÓLIO, 1995).

3.5- Preconceito, discriminação, homossexualidade e a homossociabilidade

O futebol, numa visão de esporte masculinizante, ao ser praticado por mulheres gera o preconceito por parte da sociedade e, mesmo com o aumento da prática do futebol, também nos espaços escolares, o preconceito não deixou de existir (DARIDO, 2002).

Diante desse fato foi perguntado as jogadoras se elas sentem o preconceito por parte da sociedade por jogarem futsal. Quando 23 praticantes disseram que sim, observou-se que o preconceito é um componente presente nas quadras e nos campos para essas mulheres, mesmo considerando a ascensão do esporte em relação à mídia e divulgação diante das recentes conquistas femininas.

Em outra questão procurou-se saber situações em que as jogadoras foram discriminadas. Foi uma pergunta em que as respondentes puderam relatar suas experiências, de modo que 22 jogadoras disseram não ter passado por nenhuma situação discriminatória.

Houve uma contradição nas respostas visto que a maioria reconheceu o preconceito, porém no momento de relatar as situações, elas se colocaram atrás de uma barreira. Observou-se que, quando se tratava de falar das experiências pessoais, as mulheres se reservavam e omitiam suas opiniões.

[...] eu joguei futsal a minha vida inteira mas nunca tive problemas quanto à minha sexualidade, sempre fui bem definida, não discrimino ninguém, sempre procurei me dar bem com todos do time e nunca tive problemas com ninguém em relação a isso (JG13).

[...] eu nunca passei mas já presenciei várias situações. Essa discriminação geralmente acontece por parte dos homens que xingam e fazem piadas (JG16).

Por outro lado, 13 mulheres afirmaram e descreveram as situações em que foram discriminadas:

[...] acredita-se que o corpo feminino não tem estrutura física suficiente para suportar a prática do esporte, bem como que as meninas que o jogam tem fortes tendências

homossexuais. Assim, sempre que revelo a alguém que gosto de jogar futsal, ou viro motivo de piada ou de discriminação homofóbica (JG5).

[...] todas as pessoas pra quem vc diz q joga futebol ou futsal já acham q vc é sapatão. Não tem jeito, principalmente homem, eles são os piores (JG7).

[...] me falaram que era esporte somente para homem, e me chamavam assim (JG19).

A partir da análise das respostas, observou-se palavras presentes na maioria dos discursos: “homens”, “machinho”, “sapatão”, “piadas”, “xingam”, “homofóbicos”. Esses termos retratam a agressão por meio dos estereótipos e, de que maneira, geralmente, são executadas essas ofensas.

O ato discriminatório mais freqüente partiu dos homens por meio de ofensas verbais, mas também foi citada uma situação de discriminação por “meninas de outras modalidades” que não entravam no vestiário quando as “meninas do futsal” estavam lá.

Desta forma, Nunan (2003, p.70) ilustra que o preconceito entre dois grupos, neste caso os homens e as “meninas de outras modalidades”, “[...] pode ser reduzido quando ambos estão em igualdade de *status* e buscando objetivos comuns que só podem ser alcançados através de cooperação”.

Os homens, em sua maioria, vêem as mulheres no futebol/futsal de forma sarcástica por acharem que é um esporte somente deles e se apóiam na visão cultural de que as mulheres são naturalmente frágeis e sensíveis, porque nasceram para a maternidade, e as que se opõem a isso são “sapatão”.

Os resultados da pesquisa de Altmann (1998) auxiliam na discussão desta questão quando lembram que o papel do futebol feminino na escola representa, para os garotos, mais uma ameaça do que um desafio. A expectativa dos alunos de que práticas e espaços esportivos são dominados por meninos colocava-os, de certa forma, numa obrigação de serem superiores às meninas, as quais eram, consideradas más jogadoras, necessitando demonstrar o contrário se quisessem jogar com eles

Embora a luta dessas meninas, transgressoras de barreiras, sirva como exemplo das conquistas femininas no espaço da Educação Física e Esportes, Toscano (2000) registra que, de uma forma geral, meninos têm mais espaço do que meninas, tanto no intervalo, quanto na hora do recreio, nas aulas de Educação Física ou de iniciação esportiva.

Observa-se que um modelo diferenciador de educação/orientação baseado nas desigualdades de gênero que vêm desde a escola, reflete no comportamento preconceituoso da sociedade no âmbito da prática esportiva feminina, no caso em particular, o futebol/futsal.

Mas o preconceito existe em relação a que? Em relação ao corpo da mulher? Em relação ao esporte em si? Em relação à homossexualidade?

A palavra sexualidade não havia aparecido no questionário até que a JG13 citou “*problemas quanto a minha sexualidade*”, ou seja, o preconceito e a discriminação então são devido à orientação sexual das jogadoras?

Acredita-se que o preconceito está associado a vários aspectos, tanto em relação ao corpo da mulher frágil ou masculinizado, quanto ao próprio futebol e às questões histórico-culturais, físicas e midiáticas embutidas nele, além do preconceito da homossexualidade.

A presença de lésbicas no futebol/futsal feminino foi um fator observado nas respostas das jogadoras, pois quando perguntadas se conheciam alguma homossexual que jogava futsal, todas responderam que sim.

Essa unanimidade reforça a magnitude do preconceito da homossexualidade no futebol/futsal feminino. Preconceito este exaltado principalmente pelos homens, uma vez que haveria a possibilidade de subversão de uma posição de subordinação, a partir da negação do papel atribuído à mulher: subordinar-se, também, sexualmente, ao homem (ANJOS, 2000).

A orientação sexual de jogadoras de futebol/futsal é constantemente indagada. Foi questionado às praticantes situações em que foram taxadas como homossexuais, de modo que 23 afirmaram terem enfrentado tal fato.

[...] dentro do próprio âmbito familiar, meu pai se reporta a jogadoras de futsal como meninas homossexuais (JG5).

[...] grande parte da sociedade tem o pensamento em que toda mulher que faz a prática do futsal e até mesmo o basquete, handebol é homossexual, na maioria das vezes em que passei por situação de preconceito foi ao fato de ser taxada de homossexual pelo simples motivo de ser atleta de futsal (JG12).

O relato da JG5 volta na questão da participação da família e do preconceito masculino, que no caso parte do “pai”. Esse é um dos principais conceitos errados da sociedade: generalizar ao dizer que todas as mulheres que jogam futebol são lésbicas.

Essa situação segundo Emerson Inácio (2002) é chamada de hibridização:

Não se pode esquecer que os grupos e as identidades de seus membros devem sempre ser pensados sem generalizações. Apesar disso, o senso comum e algumas estratégias políticas tendem a generalizar, de forma abusiva, os grupos com os quais estão em confronto direto, na tentativa de dominá-los com maior facilidade e pretensa eficácia. Assim, as relações entre os grupos são sempre estereotipadas, na medida em que um grupo elabore ele mesmo suas próprias identidades. Isso faz com que os estereótipos sejam sempre uma abstração negativa, pois as identidades de um indivíduo ou grupo são fantasiadas por outros (2002, p. 74).

Ao se destacar o relato da JG5 e a questão da generalização, faz-se necessário aqui a discussão do termo “rótulo”, pois este é na verdade, segundo Nunan (2003), um tipo particular de estereótipo.

[...] em outras palavras, facilitamos nossas relações interpessoais se atribuímos aos outros determinados rótulos que nos permitam antecipar certos comportamentos. Atribuir um rótulo a um indivíduo distorce nossa percepção, pois nos predispõe a encontrar comportamentos que sejam compatíveis com o rótulo (2003, p. 62).

O relato da JG5 ilustra o que Nunan (2003) descreve como rotulação, ou seja, somente o fato de uma mulher dizer que joga futsal/futebol, esportes estes rotulados como masculinos, é suficiente para a sociedade atribuir o rótulo de “masculina” a esta jogadora.

Em contrapartida, sete jogadoras responderam que não vivenciaram situação em que foram taxadas de homossexuais.

[...] como disse sempre fui bem definida, não fazia muita questão de ser amiga das que eu sabia que eram homossexuais, exatamente para não acontecer isso. Como dizia Jesus: “Diga-me com quem andas que eu te direi quem tu és!” (JG13).

[...] geralmente esse tipo de situação acontece devido a ignorância das pessoas. Na minha opinião isso depende também de como a jogadora se comporta dentro e fora da quadra (JG16).

O relato da JG13 demonstra uma atitude homofóbica de relacionamento quando diz “[...] amiga [...] das homossexuais, exatamente para não acontecer isso”, mostrando que dentro do próprio ambiente de convívio entre as jogadoras pode existir o preconceito.

Diante dessa discussão, Nunan (2003) ressalta que entre grupos estigmatizados (entre eles os homossexuais), uma relativa desvalorização intragrupal não é incomum.

Assim, talvez o fenômeno da valorização do próprio grupo ocorra apenas entre indivíduos que pertençam a grupos majoritários ou que sejam estereotipados de forma positiva. [...] a mera percepção de fazer parte de um entre dois grupos distintos (isto é, categorização social em si) é suficiente para provocar competição e discriminação a favor dos membros dentro do grupo (2003, p. 69).

No relato da JG13 observa-se que ela se reporta a uma passagem bíblica. Vale dizer que a religião é um componente que ao se falar de sexualidade traz consigo importantes valores, uma vez que por muito tempo a homossexualidade foi vista como anomalia por algumas religiões e hoje ainda é uma questão delicada de ser tratada.

O “homossexualismo”, o pecado homossexual é desafiar uma ordem do mundo instaurada por Deus. Nessa percepção, Marcelo Natividade (2006) afirma que práticas sexuais entre homens ou entre mulheres contrariam uma determinação divina com relação aos gêneros e a sexualidade. O discurso religioso completa-se

na afirmação de que “[...] o desejo homossexual é passível de mudança e de cura, repercutindo numa atitude homofóbica por parte dos religiosos” (p. 9).

A JG16 apontou o comportamento das jogadoras. Dentro de quadra acontecem situações em que fica evidente a homossexualidade, isso por experiência pessoal em jogos por lazer e até mesmo em competições, visto que existe o assédio, as “cantadas” por parte de outras mulheres. Esse comportamento faz com que a sociedade massifique ainda mais a rotulação sobre as praticantes de futebol/futsal. Frente a isso, Nunan (2003) explica a interferência do rótulo diante de tal fato:

O rótulo influencia enormemente nossa percepção do comportamento de um indivíduo, pois uma vez atribuído, nós temos a tendência a perceber seu comportamento de acordo com o rótulo imputado, mesmo diante de fatos que o contradigam (2003, p. 63).

Em relação a mesma pergunta sobre situações em que foram taxadas homossexuais, cinco meninas não lembraram de nenhuma.

A questão posterior queria saber se o envolvimento com futsal/futebol influenciou na própria orientação sexual. Apenas uma jogadora respondeu que sim.

Ao questionar se o futsal/futebol poderia influenciar na orientação sexual de uma mulher, 11 jogadoras disseram que sim.

[...] não acredito que toda mulher que joga futsal se torna uma lésbica, entretanto, o convívio com as homossexuais faz com que o preconceito impingido pela sociedade diminua, pois na quadra todas são iguais. Não há diferenças. Todas são mulheres. E isto leva a um inevitável questionamento da própria sexualidade, pois de certo modo as barreiras sexuais são ampliadas a partir do momento em que o preconceito deixa de existir (JG5).

[...] conheço muitas meninas que viraram homossexual por conviverem neste ambiente. Meninas mais velhas que são tentam levar as mais novas, querem que quem não é, caia (como é dito nesse mundo). Pessoas de idéias fracas mudam muito depois que entram nesse meio. É um ambiente complicado. Tem que ter personalidade e muita cabeça pra sobreviver certo nele (JG8).

O discurso da JG5 aponta o convívio entre as mulheres de forma que este possa amenizar o preconceito e minimizar as barreiras entre a heterossexualidade e a homossexualidade. Pelo fato de os homossexuais ainda serem vistos como portadores de desvio de condutas morais, o convívio com as jogadoras homossexuais pode mostrar que todas são iguais independente da orientação sexual.

Esse mesmo convívio que ameniza barreiras pode trazer à tona a categoria “homofobia velada”. Essa apareceu para explicar como o convívio com homossexuais pode mascarar uma aversão para com os mesmos dentro de um mesmo grupo (ROSA, 2004).

Em contrapartida, a JG8 comenta sobre a influência pessoal, que faz com que as “meninas normais” (até então heterossexuais) “caiam” nesse “mundo”, o ambiente é favorável a “contaminação” das jogadoras que têm a mente fraca e acabam se influenciando pelas lésbicas.

Francis Madlener de Lima (2006), em sua dissertação de mestrado, fez uma análise dos discursos presentes nas falas do/s futuros/as professores e professoras de Educação Física no que tange a questão da diversidade sexual, mais especificamente a homossexualidade.

Os resultados de sua pesquisa mostraram que o medo de uma aproximação fora do espaço de convívio e de uma possível associação à imagem homossexual “[...] faz com que muitos afirmem não manter contato com ‘essa pessoa’ fora desse ambiente, chegando-se a afirmar inclusive que convivem ‘não como amigos, mas como colegas’ ” (LIMA, 2006, p. 60).

Para ilustrar o que aparece no discurso da JG8 e nos resultados de Lima (2006), Louro (1999) faz a seguinte comparação:

Como se a homossexualidade fosse contagiosa e estivesse constantemente ameaçando a heterossexualidade dos sujeitos, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse contagiosa, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais (1999, p.29).

Na opinião de 24 jogadoras, o futsal não influencia na orientação sexual das praticantes.

[...] pode ajudar... mas dependendo do q ela optar, não foi o futsal q a fez assim... mais sim sua personalidade (JG1).

[...] conheço muitas meninas que jogavam e hoje constituíram família (JG11).

[...] não precisa ser homem, ou ter comportamento de um, para jogar futsal! Mas de uma certa forma , o futsal é um esporte que pode atrair mulheres que já tem tendência a serem homossexuais (JG26).

A JG1 utiliza a palavra “optar”. O termo “opção sexual” é rejeitado principalmente pelos homossexuais visto que remete ao entendimento de que a homossexualidade seria uma escolha, assim como a heterossexualidade. “[...] Existe um momento em que se decide ser isso ou aquilo, existe sim um momento de assumir ou não uma identidade sexual” (ROSA, 2004, p. 98).

O processo de assumir a homossexualidade é comumente chamado de *coming out* (sair do armário) e no entendimento de Adriana Nunan (2003):

Enquanto a homossexualidade em si não é considerada uma escolha, pode-se dizer que em um sentido mais profundo o indivíduo de fato escolhe tornar-se gay (isto é, adotar uma identidade gay) quando atravessa o rito de passagem conhecido como *coming out*. Sucintamente, *coming out of the closet* refere-se ao processo através do qual o homossexual revela sua orientação sexual a outras pessoas (sejam familiares, amigos, colegas de trabalho ou estranhos), tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico (2003, p. 126).

A JG11 fala em “constituir família”, como se os homossexuais não pudessem. Hoje, no Brasil, não é permitido o casamento de pessoas do mesmo sexo, o que não impede um casal *gay* construir uma família e, diga-se de passagem, a temática da parceria civil emergiu como prioridade do movimento lésbico e nelas a possibilidade de reconhecimento do desejo de maternidade parece ser um forte componente das atuais mobilizações (GROSSI, 2003).

A JG26 quando faz o seguinte relato: “*pode atrair mulheres que já têm tendências a serem homossexuais*”, incita o questionamento de que o futebol/futsal

possa ser um local privilegiado ao impulso de experimentar novas possibilidades através de uma exaltação de uma homossexualidade abafada, ou seja, jogadoras lésbicas de um determinado grupo podem ser consideradas manipuladoras da construção da personalidade das outras mulheres, ou seja, surge o medo de que a homossexualidade seja contagiosa e que a homossexual possa ser uma transmissora (LIMA, 2006).

Esse questionamento foi abordado nos resultados da pesquisa de Francis Lima (2006) em que discutiu a influência do comportamento dos professores/as homossexuais em seus alunos/as, momento em que “[...] 53% dos entrevistados disseram que essa poderia se dar no sentido de liberação de uma homossexualidade reprimida” (LIMA, 2006, p. 61).

Portanto, o futsal, na opinião das jogadoras citadas, pode não influenciar, mas não deixa de ser um ambiente desinibidor por atribuir às mulheres, características consideradas masculinas e ser um espaço em que as condutas homossexuais ficam evidentes.

O que a JG26 diz remete a pergunta seguinte sobre o envolvimento das homossexuais nesse esporte. Em relação a essa questão, 11 jogadoras concordaram que é um local em que a presença homossexual é notória.

[...] por que o futsal ainda é visto como esporte masculino, por exemplo é um dos poucos esportes que o uniforme utilizado pela equipe feminina é o mesmo da equipe masculina, não é algo dito claramente mais está arraigado em grande parte da sociedade, e algumas meninas para serem aceitas no esporte acabam por se masculinizar (JG2).

[...] pelos momentos em que joguei foi o esporte em que mais me deparei com homossexuais (JG10).

A JG2 traz em discussão o fator estético, da não preocupação com o futebol/futsal feminino, levando em consideração o uniforme que, sendo o mesmo utilizado pelos homens, incita o “esporte masculinizante”.

Altman (1998) ressalta que o esporte (como expressão do masculino) pode ser observado pela linguagem dos uniformes, que não apenas reproduzem uma determinada imagem masculina do esporte, como a constitui.

A JG 10, ao comparar o futsal a outros esportes, destaca a presença de lésbicas nessa prática, fato este que pode ser explicado ao ressaltar que o futebol/futsal é uma modalidade em que o contato físico, o combate e o uso agressivo do corpo são explícitos, servindo como reprodutor da hegemonia masculina (DEVIDE, 2005) e acaba por firmar uma auto-rotulação por parte das mulheres futebolísticas.

Nunan (2003) explica esse comportamento da auto-rotulação de um grupo que sofre preconceito:

Indivíduos estereotipados, frequentemente cientes dos estereótipos imputados a seu grupo, acabam por desenvolver um alto grau de apreensão quando entram em contato com outros indivíduos, pois temem que seu comportamento espontâneo acabe por confirmar os estereótipos. A este fenômeno chamamos de ameaça do estereótipo (2003, p. 63).

Na opinião de 24 respondentes, o envolvimento no futsal feminino não é maior entre as lésbicas.

[...] acho q algumas homossexuais resolvem jogar por acharem q é um esporte mais masculino, mas acho q a maioria se transforma depois de estarem no meio (JG8).

[...] quem mais se envolve no futsal são aquelas que gostam de jogar futsal (JG15).

A JG8 fala da influência do meio, ou seja, o futsal é um universo propício a “descoberta” das homossexuais por ser um esporte mais masculinizado que os outros, retornando no que foi exposto acima sobre a prática no futebol/futsal e sua relação com a homossexualidade.

A partir do que a JG15 relata pode-se inferir que ser homossexual é uma consequência não da prática do esporte, mas da própria condição da mulher que se assume homossexual e coincidentemente gosta de futsal, portanto, não se pode generalizar. Se o futsal/futebol é masculinizante, ele não pode ser considerado o “culpado” pela orientação sexual das jogadoras lésbicas.

O item seguinte queria identificar como a jogadora se sentia ao jogar com mulheres que sabe serem lésbicas. Somente uma resposta se diferenciou quando a JG26 diz depender da situação, tanto com o homem quanto mulher, o importante é não existir brincadeiras de mau gosto.

[...] jogo tanto com homens como com mulheres e se estes vierem com gracinhas para o meu lado durante qualquer tipo de jogo eu fico muito incomodada, do contrário, encaro numa boa (JG26).

As outras 34 respondentes disseram que se sentem bem, relatando condições para isso.

[...] não modifica em nada, minha relação com elas. Já conquistei meu espaço no meio, todas me respeitam e eu respeito a todas. Amo – as de coração da maneira que são (JG8).

O que a JG8 afirma foi repetido frequentemente pelas demais, principalmente sobre respeito e amizade. O respeito que deve partir de ambas as partes, na hora do jogo todas são iguais e o que predomina é a relação de amizade independente da orientação sexual.

Uma equipe de futebol/futsal feminino se constitui em um grupo de mulheres em que estão presentes as construções de relações sociais, entre elas, a possibilidade que algumas têm de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente com outras mulheres dentro do próprio grupo ou não, assim como a relação de amizade entre elas.

As relações sociais que se estabelecem no interior desse grupo trazem problemáticas constitutivas das relações de gênero: igualdade/diferença, (in)visibilidade, proteção, exclusão, tolerância, preconceito e o respeito (TONELI, 2006), como foi citado pelas respondentes.

Essas relações sociais de mulheres e mulheres pode ser explicada pela homosociabilidade, que surgiu desde os movimentos feministas e nada mais é que a convivência de pessoas do mesmo sexo nas relações de amizade, educação formal, rivalidade, como por exemplo o futebol/futsal feminino (INÁCIO, 2002).

A percepção da homossexualidade foi questionada a fim de verificar se as jogadoras notavam praticantes homossexuais no local onde jogavam, das quais seis responderam não ter essa percepção e as outras 29 respondentes afirmaram que percebem jogadoras homossexuais.

Quando a resposta a essa pergunta era afirmativa, a respondente era indagada se isso interferia de alguma maneira na sua relação com as homossexuais. Das 29 que percebiam jogadoras homossexuais, 28 disseram que não interfere.

[...] não me importo com a orientação sexual e sim com a pessoa em si e o relacionamento na prática do esporte (JG18).

[...] não tenho nenhum preconceito em relação a isso. São pessoas como qualquer outra, só gostam de pessoas do mesmo sexo, o que não muda em nada minha relação com minhas amigas (JG25).

Nos dois relatos percebemos que entre elas há um respeito considerável e o preconceito da homossexualidade é percebido em poucas jogadoras. Pode-se fazer uma inferência de que a categoria respeito, se deve pelo fato de elas (homo e hetero) praticarem o mesmo esporte, pela convivência com as homossexuais ou por serem mulheres, aspecto esse observado na Pesquisa GRAVAD, em que a compreensão da homossexualidade foi maior entre as moças do que entre os rapazes (HEILBORN, 2006).

Diante da mesma questão, uma jogadora respondeu que interfere na sua relação com as outras ao relatar da seguinte forma:

[...] se eu não conheço a pessoa e percebo que ela é homossexual eu jamais chegaria pra conversar com ela. E se ela viesse conversar comigo eu acharia estranho também. Isso com certeza vai interferir na minha relação com ela, porque não vou tratá-la bem (JG13).

A JG13, em suas respostas, mostra não só o preconceito, mas também demonstra atitudes homofóbicas para com as outras jogadoras. Isto ocorre talvez, por ela não ter um entendimento maior sobre o assunto ou ter dificuldade de relacionamento no local onde joga. O discurso dessa jogadora revela que entre

essas mulheres investigadas há o preconceito interno e, de forma direta e indireta, a discriminação é realçada. Casos como este acontecem, conforme explica Rosa (2004):

[...] homossexuais ainda são vistos como portadores de um desvio de comportamento que ameaça o bom funcionamento técnico e moral [...] Especialmente em relação ao desejo sexual [...] faz supor que o homossexual é incapaz de se conter, por ser portador de um comportamento erótico intempestivo. A categoria respeito pode estar velando o preconceito sexual para com os homossexuais, que em última instância são considerados portadores de uma sexualidade incontrolável (2004, p. 121).

Essa categoria homofobia velada pode ser mais freqüente no universo esportivo do que se imagina, porém, a maioria das mulheres investigadas nessa pesquisa demonstrou o discurso respeito como predominante nas relações de convívio.

O preconceito não aparece para as jogadoras como algo relevante, que as faça desistir da prática esportiva, mas aparece como um fantasma, presente na maioria das narrativas, portanto, a principal constatação que se pode fazer é que o preconceito ainda existe, seja pela família, grupo ou sociedade, seja por causa do corpo da mulher ou sua sexualidade.

A análise dos dados apontou para um aspecto interessante desse grupo investigado: apesar do ato discriminatório, segundo os discursos, partir dos homens, contraditoriamente, nas respostas das próprias jogadoras o preconceito esteve presente como fator implícito, ou seja, essa contradição acaba revelando que o pensamento preconceituoso nem sempre parte dos homens ou de mulheres de outras modalidades esportivas.

Embora este estudo tenha investigado uma representação mínima da parcela de mulheres praticantes de futsal/futebol no Brasil, através da análise dos relatos, observou-se que, as percepções de gênero, preconceito e homossexualidade foram apontados na maioria dos discursos, fazendo com que a discussão com a literatura tivesse como ponto de partida a própria fala das respondentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora boa parte dos relatos se regem pelo preconceito, de forma direta ou indireta, sob uma ótica geral, este estudo mostrou que a compreensão e o respeito predominam entre as jogadoras.

A partir dos discursos das jogadoras observou-se que a maioria tem ciência das relações de poder presentes no futsal/futebol. Poder este que, sendo desigual, resulta das relações de gênero historicamente presentes na sociedade, o que faz das mulheres subversoras de uma ordem natural que as colocam como coadjuvantes da história do futebol.

Resumidamente, a partir do estudo com essas 35 mulheres, observou-se que a dimensão da homossexualidade na modalidade foi surpreendente quando todas responderam conhecer lésbicas que praticam futsal. O comportamento homofóbico de algumas mulheres da pesquisa foi chocante, em contrapartida, prevaleceu a compreensão da maioria sobre a orientação sexual das lésbicas.

No decorrer dessa pesquisa, algumas limitações estiveram presentes, entre elas: o número reduzido de jogadoras respondentes; a bibliografia escassa que trata da temática das relações de gênero e futebol/futsal no Brasil; a restrição do conhecimento pela falta de contato com discussões de gênero por parte da pesquisadora durante a graduação, visto que o curso de Educação Física da UFMS é pobre na abordagem desse tema em sua grade curricular e, por fim, a não devolução dos questionários por algumas mulheres requisitadas durante a coleta.

De uma forma geral, a “saída do ‘armário’, que se torna cada dia mais freqüente e valorizada, ainda não está ocorrendo paralelamente ao aumento do respeito pelas práticas sexuais diversas”, conforme constatou Lima (2006, p. 77). Desta forma, deve-se questionar que tipo de educação é efetivada nas escolas, de que forma os/as educadores/as tratam as informações trazidas pela mídia e como estas informações são absorvidas pela sociedade.

Enquanto a mídia permanece bombardeando nossos sentidos com novas 'necessidades' e 'desejos', provenientes da sexualidade, a escola continua

educando uma sexualidade matrimonial, heterossexual e reprodutiva, ignorando tanto as subjetividades dos/as alunos/as quanto as confusões causadas por uma sociedade de consumo (2006, p. 77-78).

Em relação à participação feminina no futsal/futebol, algumas mulheres desobedecem ao que convencionalmente se mencionou como sendo próprio de seu corpo e de seu comportamento, questionam a preeminência esportiva masculina historicamente construída e culturalmente firmada e enfrentam os preconceitos. Outras, no caminho oposto, moldam-se aos padrões masculinos de modo a não questionar nem os preconceitos, nem as regras que o regem, proclamado em atitudes, piadas, comportamentos, posturas corporais e discursos. “No e pelo esporte, reafirmam sua feminilidade e sua identidade, exibem sua beleza e espetacularizam seus corpos” (GOELLNER, 2005, p. 149).

Mais do que analisar as posturas das jogadoras no futsal/futebol brasileiro, importa perceber que, apesar da crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres nestas modalidades deve ser avaliada com prudência e respeito.

Mulheres sportistas frequentemente se deparam com o impasse de como ultrapassar o abismo entre o que se espera culturalmente de seu comportamento feminino e os requisitos da vida esportiva. Para que isso não se torne um obstáculo, é preciso que se pense o padrão feminino como um aspecto de discussão, uma vez que o entendimento de feminilidade vai além dos fatores estéticos do corpo.

Os programas de incentivo às mulheres no esporte devem estar focados na modificação das estruturas desiguais do contexto das relações de gênero, não somente na preocupação de aumentar as oportunidades de prática a elas.

No Brasil, onde o futebol é uma identidade nacional, as mulheres ainda não têm visibilidade: é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são eventuais e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como amadoras, seja como atletas. Enfim, o “mundo da bola” torna-se mais um espaço a ser conquistado por

elas e, essa conquista, conseqüentemente, acarretará o respeito e amenizará o preconceito.

Ainda há muito que se discutir sobre o futebol feminino, é um espaço pouco invadido por pesquisadores sociais e as informações aqui contidas são relevantes para outras pesquisas.

Vale ressaltar que, hoje, são escassos os trabalhos na Educação Física que estudam a homofobia ligada ao esporte. Investigar mais a fundo a homofobia no futebol feminino, tanto por parte da sociedade como por parte das jogadoras e treinadores, é relevante para se compreender até que ponto as ofensas interferem no desempenho de atletas.

Enfim, em se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente adicionado à identidade nacional, torna-se necessário pensar o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressaltar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também feminino. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades.

Para tentar explicar alguns aspectos abordados neste estudo, entre eles a desigualdade entre homens e mulheres no esporte e os preconceitos, vale levantar questionamentos como: Por que certas modalidades são destinadas predominantemente aos homens ou às mulheres? Por que as premiações em dinheiro são, em geral, maiores para homens se as mulheres competem sob as mesmas regras? Por que a mídia tende a fazer cobertura maior dos esportes masculinos? A quais fatores podemos atribuir a menor participação feminina nos esportes? Como a família interpreta a filha ou a mãe atleta? Como o esporte é utilizado para apresentar o poder e dominação masculina como natural e imutável? A heterossexualidade é algo fixo ou instável? Em que reside o medo da “contaminação” pelos homossexuais?

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2003.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero**: Marias (e) homens na educação física. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ANJOS, Gabrielle dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, n.4, 2000.

BRASIL, LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL Nº 9394/96.

BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, Brasília: MEC/SEF, 1997

CARNEIRO, Maria Luiza Bettiol. **Um toque de bola em pés femininos**: um estudo sobre o futebol feminino de Florianópolis. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

DACOSTA, Lamartine Pereira. **Atlas do Esporte no Brasil**: Atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DAÓLIO, Jocimar. **Cultura**: educação física e futebol. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas. In ROMERO, Elaine. **Corpo mulher e sociedade** (org.), São Paulo, Papyrus, 1995.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, 2002.

DEVIDE, Fabiano Pires. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. 1 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

DUNNING, Eric e MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no Esporte. **Revista de Estudos Feministas**, IFCS/UFRJ, 1997.

FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2005.

_____. Na Pátria das chuteiras as mulheres não têm vez. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988.

GOMES, Ana Maria; TREVISAN, Sandra Aparecida. A disciplina de Educação Física e a prática da exclusão (no prelo). In: ANACHE, Alexandra Ayach et al. **Fundamentos sociológicos e psicológicos da educação**. 1. ed., Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

GROSSI, Mirian Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, n. 24, 1998.

_____. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, n. 21, 2003.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol**: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro, Niterói: EDUFF, 1998.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, n.01, 2006.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Homossexualidade, homoerotismo e homosociabilidade: em torno de três conceitos e um exemplo. In Garcia, W. & Santos, R. (Org.). **A escrita de até**: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil. São Paulo: Xamã: NCC/SUNY, 2002.

KNIJNK, Jorge Dorfman. Entrevista. Disponível em: www.guidasemana.com.br, 2004.

LIMA, Francis Madlener de. **O discurso sobre a homossexualidade no universo escolar**: um estudo no curso de licenciatura em Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação Física), UFPR, Curitiba, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MELO, Cristine Kruster. de. Estética e saúde: a construção dos corpos masculino-feminino nas academias. **Ciências da Saúde**, Florianópolis, 1998.

MURAD, Melo. "Saldanha, uma saudade". **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, 1994.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, 2006.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Caravansarai: Rio de Janeiro, 2003.

ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física**. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1990.

ROSA, Marcelo Victor da. **Educação Física e Homossexualidade**: investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desportos/UFSC. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Centro de Desportos, UFSC, Florianópolis, 2004.

ROSEMBERG, Fúlvia . A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia. In: ROMERO, Elaine. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. São Paulo: Papyrus, 1995.

RUBIO, Katia. De protagonista a espectadoras: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, Porto Alegre, 1999.

SANTANA, Wilton Carlos de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 4, p. 45-50, out./dez. 2003.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e esportes**: quando a diferença é mito. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, 1995.

STOLLER, Robert. **Sex and gender**. New York: Science House, 1968.

SILVA, Maria Cecília de Paula et al. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: VOTRE, Sebastião José (ed). **Representação social do esporte e da atividade física**: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

TOLEDO, Regina Antonia et al. **A dominação da mulher**: os papéis sexuais na educação. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1983.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; PERUCCHI, Juliana. Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, 2006.

THOMAS, Jerry.; NELSON, Jack. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOSCANO, Moema. **Estereótipos sexuais na educação**: um manual para o educador. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. Família e esporte: uma revisão sobre a influencia dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In Silame Garcia, Emerson; Lemos, Kátia Lúcia Moreira. **Temas atuais VII: Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 2001.

APÊNDICE

Instrumento

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Centro de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de Educação Física
Programa de Educação Tutorial- PET Educação Física
Curso de Cultura e Educação Física**

O intuito deste questionário é realizar um levantamento de opiniões para realização de uma pesquisa com a temática “Gênero e Futsal feminino”, objetivando a determinação de dados que possam melhor direcionar o estudo. Sua participação nesta etapa muito contribuirá para adequada continuidade da pesquisa. Certificamos a confidencialidade dos dados apresentados neste questionário. Agradecemos sua dedicação.

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Garantimos a todas as participantes da pesquisa “Gênero e Futsal feminino” a completa confidencialidade das informações recebidas, comprometendo-nos a somente utilizá-las para fins estatísticos de consolidação do estudo. Fica desta forma, vedada a divulgação total ou parcial, em caráter individualizado, das respostas provenientes do questionário.

Caroline Silva de Oliveira
Acadêmica 3º Educação Física UFMS
Autora

Prof. Ms. Marcelo Victor da Rosa
Orientador

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a utilização das informações dadas neste questionário para fins estatísticos de consolidação deste estudo e me comprometo a responder corretamente o questionário até um dia após a sua entrega.

Assinatura: _____

QUESTIONÁRIO

1- Idade: _____

2- Profissão: _____

3- Nível de escolaridade:

() Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo

() Superior incompleto () Superior completo

Outro: _____

4- Qual curso fez ou está fazendo no Ensino Superior?

5- Há quanto tempo joga futsal?

() menos de 1 ano

() 1 ano

() 2 anos

() 3 anos

() a mais de 5 anos

6- Qual seu ídolo no futsal e/ou futebol?

7- Como é a participação de sua família/amigos em relação a sua prática do futsal?

Assinale apenas uma alternativa

() Dão total incentivo.

() São contra mas permitem.

() São contra e não permitem (faço sem consentimento)

() Outro: _____

8- Relacione as práticas corporais como (M)- masculino; (F)- feminino; (A)- ambos os sexos:

- Futsal
- Voleibol
- Basquetebol
- Dança
- Lutas
- Caminhada
- Musculação
- Ginástica (*fitness*)
- Ginástica Artística
- Ginástica Rítmica
- Natação
- Hidroginástica

9- Na sua opinião, ainda existe um preconceito por parte da sociedade quanto a meninas que jogam futsal?

- Sim
- Não

10- Você já passou por alguma situação em que foi discriminada por jogar futsal?

- Sim
- Não

Relate: _____

11- Você conhece alguma homossexual que joga futsal?

- Sim
- Não

12- Você já passou por alguma situação em que foi taxada como homossexual por jogar futsal?

- Sim

() Não

() Não lembro

Relate: _____

13- Você acha que o futsal influenciou na sua orientação sexual?

() Sim

() Não

14- Você acha que o futsal de alguma maneira pode influenciar na orientação sexual de uma menina/mulher?

() Sim

() Não

Justifique: _____

15- Na sua opinião, as meninas/mulheres homossexuais são as que mais se envolvem no futsal?

() Sim

() Não

Justifique: _____

16- Você se sente bem jogando com meninas/mulheres homossexuais?

() Sim

() Não

Comente: _____

17- No local onde você pratica o futsal, você percebe jogadoras homossexuais?

() Sim

() Não

18- Se a resposta anterior for sim, isso de alguma maneira interfere na sua relação com as mesmas?

() Sim

() Não

Porque: _____
